

EDITORIAL

Educação e Ensino em Tempo de Emergência: Realidades e Desafios em Angola

Education and Teaching in Emergency Time: Realities and Challenges in Angola

Educación y Enseñanza en Tiempos de Emergencia: Realidades y Desafíos en Angola

Qualquer olhar sobre o início do ano de 2020 reforça a ideia da onda de indefinição causada pela pandemia da COVID-19 que assola a maior parte dos países do mundo, acarretando consigo a constatação de um presente de profunda desgraça e um futuro de incerteza em todos os domínios da vida, incluindo o da educação e do ensino, nos quais os progressos até então alcançados, na senda da garantia do acesso universal e inclusivo aos cidadãos, sofrem um profundo abalo, para o qual todos os países do mundo, sem excluir Angola, estão instados a encontrar um conjunto de soluções necessárias, oportunas e viáveis.

Muitos sistemas escolares pelo mundo, como efeito da pandemia, viram-se de repente forçados a abandonar a modalidade presencial, de atendimento de alunos em salas de aulas, e a adotarem meios e métodos de ensino arrojados; refizeram e/ou refazem a organização dos conteúdos, a gestão dos currículos e das aprendizagens, dos horários, do calendário académico, do corpo docente, em suma toda a organização escolar está em ebulição perante o desafio do presente.

Com efeito, as soluções que têm vindo a ser adoptadas como alternativas são inúmeras, visam assegurar a continuidade do processo de aprendizagem de milhares de crianças, jovens e adultos que frequentam a escola, porém nem sempre adequadas às especificidades do contexto nacional e conseqüentemente nem sempre à altura das exigências da educação para todos, isto é, democrática, universal, inclusiva e equitativa, de qualidade e ao longo da vida.

As desigualdades sociais em países como o nosso, outrora pouco abordadas, passam, deste modo, a ocupar a agenda das discussões centrais do Estado, apontando para a necessidade de se repensar com bastante cuidado o retorno às aulas, pela constatação de

debilidades como o acesso deficiente ou ausência total de fornecimento de água potável, energia eléctrica, alimentação e outros bens e serviços básicos (em muitos casos), que se apresentam como obstáculos à concretização de alternativas oferecidas ou mediadas pela tecnologia. Desta forma, o que se observa é a existência de segmentos e/ou grupos de excluídos que estão para além da simples ausência de vagas nas escolas, mas uma exclusão que se dá de forma massiva pela impossibilidade de acesso a alternativas como tele-aulas, ensino à distância por via da internet, ou mesmo rádio-aulas. Desta realidade dramática e dicotômica, emergem inúmeros factos e várias questões cujas certezas do presente e incertezas sobre o futuro sinalizam tempos de emergência para se desenvolver políticas sustentáveis e inclusivas de Educação centradas, dentre outras, nas seguintes inquietações:

Como assegurar uma educação orientada para o desenvolvimento sustentável, sobretudo no contexto actual? Como garantir educação para todos, incluindo mesmo aqueles que já eram excluídos antes por outras razões? Qual será o impacto para os alunos e professores angolanos? Qual é o nível de resposta do sistema educativo angolano em relação à preparação dos professores, bem como a adequação dos meios e materiais pedagógicos? Que alternativas têm sido criadas pelas instituições e professores para manter a proximidade com os seus alunos? Qual será o futuro da escola no pós-emergência? Que tipos de investimento na educação teremos que fazer de agora em diante?

Numa perspectiva de participação comprometida com a causa da educação, e em jeito de contribuição, algumas respostas para essas questões encontram ressonância nas reflexões académicas, presentes nesta edição da Revista Angolana de Extensão Universitária, com o objectivo de provocar um debate produtivo que sinalize para caminhos que ajudem todos os agentes envolvidos no processo de educação a construir, juntos, soluções equitativas e adaptadas ao contexto do nosso país, não somente em meio à situação de pandemia, mas de forma sustentada, garantido que algumas lições, possam, de facto, ser tidas como aprendidas.

Deste modo, na colecção de artigos que apresentamos neste número, intitulado: **Reflexões Sobre Impactos da COVID-19 na Educação e Outros Questionamentos Para a Sociedade Angolana**, trazemos **Uma Análise Swot dos Desafios da Educação nos Países da África Subsaariana Ante a COVID-19**, na qual se analisam os desafios impostos aos países da África Subsaariana pela pandemia da COVID-19, destacando-se problemas preexistentes tais como: o analfabetismo, a pobreza, a falta de água potável, a habitabilidade

precária e o saneamento básico inadequado que, se não resolvidos, comprometeriam as medidas preconizadas para a contenção da pandemia, bem como **Uma Análise da Resposta Angolana por Meio da Matriz PEST**, em que se descrevem os aspectos políticos, económicos, sociais e tecnológicos da resposta ao surto da COVID-19 em Angola, tendo os aspectos políticos como o ponto forte da resposta angolana.

Na sequência, os impactos da COVID-19 sobre a educação são abordados no artigo: **COVID-19: Impactos na Vida Académica dos Estudantes Universitários**, que nos revela o surgimento de mudanças profundas na vida dos mesmos, alterando suas expectativas sobre o ano lectivo, a interacção com os docentes e sua saúde mental. O artigo chama particular atenção para as desigualdades socioeconómicas desta classe e como estas desigualdades interferem no resultado das alternativas escolhidas pelas instituições de ensino.

O debate sobre a participação dos pais na educação dos filhos durante o isolamento foi levada a cabo no artigo sobre a **Continuidade da Acção Educativa no Contexto Domiciliar Angolano Durante a Pandemia da COVID-19**, no qual os autores trataram de identificar as formas educativas adoptadas pelos pais e encarregados de educação, para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos filhos, demonstrando como a criatividade desses agentes de educação foi posta à prova durante o período.

A questão das alternativas educacionais foi apresentada em duas experiências que, apesar de serem relatos ligados ao ensino universitário, não deixam de ser de alto valor. No artigo **As Tele-aulas de Matemática Durante o Estado de Emergência** foram usadas por estudantes da disciplina de Prática Pedagógica, resultando em experiências e lições dignas de nota. A grande inovação, neste caso, foi criação de uma oportunidade para os estudantes testarem uma alternativa à forma habitual de realizar as aulas de observação. Esse exercício revelou-se benéfico desde o ponto de vista da motivação e aprendizagem para a profissão docente. Debateu-se também sobre **O Uso do Facebook Durante o Estado de Emergência Pela COVID-19**, recorrendo-se a uma experiência também realizada com estudantes universitários. Vale notar que, o facebook foi muitas vezes sugerido aos docentes como alternativa no início da pandemia. O artigo analisa as potencialidades do *Facebook* no apoio ao processo de ensino-aprendizagem, como contributo para a expansão da ferramenta no auxílio ao ensino presencial nas Instituições de Ensino Superior (IES), em tempos de

pandemia. Pelo mesmo, sustenta-se que o *Facebook* foi a rede social mais utilizada no apoio ao ensino presencial.

Uma das grandes transformações, já notada, resultante do contexto de pandemia, é a mudança de hábitos, como a introdução da máscara para evitar o contágio. Este é o mote do artigo: **A COVID-19 e a Amputação Ritual em Contexto Angolano**, que serve de suporte para a introdução da ideia da pandemia e o mal-estar na cultura. No artigo, aborda-se a questão de como o contacto físico, que é tido nas sociedades africanas como algo essencial das interacções sociais e inclusive transcendental à dimensão física, passa a ter que ser evitado, levando ao que o autor genialmente denomina por amputação ritual, pois é o que passa a ocorrer em relação, por exemplo, aos rituais fúnebres, que são alterados por questões de biossegurança.

Apresentamos, por fim, uma entrevista que intitulamos **O Mal-estar Como Condição de Normalidade**, resultante da captação da experiência de um sobrevivente dos processos iniciais de emergência da pandemia, colocando-o no centro das discussões apresentadas neste número da Revista.

Acreditamos, portanto, serem vários os aprendizados desta edição, dentre eles: o caminho para encontrar saídas viáveis para a situação actual na educação, passa necessariamente pela articulação com outras questões sociais, tais como: saúde pública, saneamento básico e acesso à tecnologia; torna-se necessária a utilização de uma estratégia participativa, que envolva discussões de investigadores, sociedade civil e fazedores de políticas públicas, sem nos esquecermos de observar e aprender com a experiência internacional comparada, sobretudo de países com realidades próximas às nossas; que as alternativas educativas dependem em grande medida da criatividade e ousadia dos vários actores da educação; que a exclusão que se torna maior no contexto da pandemia é um sintoma de um problema pré-existente e que precisa de ser enfrentado com soluções sustentáveis a longo prazo.

Felizardo Tchiengo Bartolomeu Costa
Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola
Director Geral Adjunto para Área Científica

João Ima Panzo
Director da Acção Cultural de Língua Portuguesa do Secretariado Executivo da CPLP (Educação, Cultura, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior).
